

Cam
3749

9

10 DE JUNHO DE 1880



B. F. 9312



O BRAZÃO DO APPELLIDO DE CAMÕES

Exp'rimentou-se algum' hora
D'ave, que chamam camão,
Que se da casa, onde mora,
Vé adultera a senhora,
Morre de pura paixão.
A dor é tão sem medida,
Que remedio lhe não val.

CAMÕES, *Carta a huma dama.*

Tem por armas, em campo verde, um camão de ouro saindo de duas rochas de prata. Timbre o mesmo camão.

I

Foi nosso pensamento desde o começo d'esta publicação historiar os brazões portuguezes, isto é, brazões que estivessem ligados a algum facto da nossa historia, e que por elle fosse con-

cedido. Como porém nos quizemos associar, em boa camaradagem, aos que prestaram o devido preito ao cantor das nossas passadas glorias, o grande LUIZ DE CAMÕES, nós, humilde redactor do jornal *Os Brazões Portuguezes*, faremos hoje uma excepção, que bem cabida é pela memoria de tão sublime vate.

Em rapidos traços esmerilharemos o brazão e appellido de *Camões*.

Ainda que, segundo alguns historiadores, a sua procedencia seja hespanhola, todavia hoje um e outro estão vinculados ao torrão portuguez; são nossos e muito nossos, porque foi á sombra do nome CAMÕES que em todo o mundo se tornou conhecido o immortal epico, e ainda mais pelo seu livro *Os Lusíadas*, livro de ouro, que será sempre um padrão levantado ás glorias da nossa patria, a nação portugueza.

Aos que nos lerem diremos com o poeta :

« Dae vós favor ao novo atrevimento. »

II

No reino de Galliza existia um solar cuja antiguidade se perdia na noute dos tempos, e nelle se levantava um forte castello a que o povo attribuia cousas fabulosas.

Um nobre castellão ali fazia o seu viver, o qual era Ruy Garcia de Camaño, appellido tomado do solar, e que era situado junto ao promontorio *Nereo*, hoje *Cabo Finisterra*.

O nobre fidalgo pela jurisdicção que exercia em muitas villas e terras d'aquelle reino era considerado como um dos maiores senhores de Galliza; e não menos o era pela sua bravura quando o rei demandava o auxilio do seu braço, acompanhado de seus vassallos.

Nas Hespanhas reinava Affonso, a quem os historiadores chamam imperador, e sob o poder do seu exercito tinham caído Andaluzia, Granada e o reino de Murcia, faltando-lhe a fortissima Baeça, que os mouros consideravam como amparo e chave de toda a Andaluzia.

Para aqui se encaminha Affonso, acompanhado de quanto havia de mais nobre no seu reino.

Entre christãos e mouros trava-se renhido combate, e aos 4 d'abril do anno de 1147 Baeça, apezar do grande poder que as suas muralhas abraçava, rende-se; as portas abrem-se, e a cidade fica em poder dos cavalleiros christãos.

Foi um grande triumpho para as armas catholicas, e os historiadores o celebram como milagre devido ao santo do dia, Santo Izidoro, arcebispo de Sevilha e protector de Madrid.

Entre os que sellaram com o seu sangue esta memoravel conquista, se contou o nobre senhor do solar de *Camaño* e das freguezias chamadas *Camoeiras* em terras de *Salnez* e *Barcala*.

Ruy Garcia Camaño tinha casado com D. Ilduara Fernandes de Castro, neta do infante D. Fernando de Navarra.

Descendia esta senhora do muito illustre ramo de *Castros*, d'onde não só se derivaram as casas reaes de Portugal, Hespanha, Napoles e Sicilia, mas tambem a imperial de Allemanha.

Sandoval, no livro que escreveu sobre a fundação dos mosteiros de Castella, tratando do Mosteiro de S. Pedro dos Montes, a fl. 24, v., § 8, diz que viu entre os retratos dos reis das Asturias um de D. Ordonho, que tinha junto a si, como pagem, um cavalleiro de escudo embraçado e n'este pintadas as seis roellas em campo corado, que é o brazão dos Castros, e confessa serem estas armas as mais antigas das Hespanhas.

Ruy Garcia e D. Ilduara são os troncos da arvore abençoada dos *Camões* de Portugal, por via de seu neto Vasco Fernandes, ou Pires, de Camões.

III

No tempo que a nossa vizinha Hespanha nadava em sangue pelo mau governo de Pedro o cruel, e que um punhal, vibrado com mão certa por outro não menos cruel e ambicioso de reinar, Henrique o bastardo, seu irmão, o fez desaparecer da lista dos vivos, riscando da face da terra mais um tyranno, muitos

fidalgos da primeira nobreza, que acompanhavam o rei assassinado, procuraram abrigo em terras portuguezas.

O ultimo rei da dynastia affonsina acabava de se sentar no throno de seus avós. O senhor D. Fernando, chamado o formoso, a todos acolheu, e como, diz o chronista Duarte Nunes de Leão, nas entradas dos reinos novos a primeira cousa é ganharem vontades á custa do seu, para ter firmes e constantes estes fidalgos castelhanos e gallegos que para elle vinham, para com o seu exemplo attrahir outros ao seu serviço, e por de sua condição ser liberal, com larga mão dispendeu com elles de seus thesouros e de suas terras e jurisdicções, que não houve algum a que não desse muito em grande damno do patrimonio real e indignação de seus vassallos.

E em verdade assim foi.

Na lista do grande numero de nobres que procuraram acoiatar-se neste reino foi um d'esses Vasco Fernandes, ou Pires, de Camões, a quem a fortuna mais sorriu em terras de Portugal. Senão vejamos.

O rei chamou-o logo para junto de si e nomeiou-o entre os primeiros do seu conselho: empregou-o na casa do conde de Barcellos, sobrinho de D. Leonor, como seu aio, e abrindo para com elle o cofre das graças, como hoje se diz, deu-lhe as villas do Sardoal, Punhete, hoje Villa Nova da Constancia, Marão, quinta do Judeu em terras de Santarem, Chão de Couce, a quinta de Gestação, e muitos casaes e herdades em Evora-Monte, Aviz, Estremoz e Montemor-o-Novo, que haviam pertencido á infante D. Brites, rainha de Castella.

E mais ainda deu-lhe as alcaidarias-móres dos castellos de Alcanede, Alemquer e Portalegre ⁴.

As muitas honras prodigalisadas pelo rei portuguez fizeram a este fidalgo gallego ennegrecer-lhe a aureola que tinha adquirido e que faziam o ornamento da sua fronte; tornou-se, pois, tão parcial de D. Leonor Telles e de sua filha a rainha de Castella, que se não pejou de tomar a vergonhosa missão de passar a Alemquer e a Atouguia para assassinar o mestre de Aviz.

E ainda depois, na memoravel batalha de Aljubarrota, que firmou a nossa independencia, juntando-se com os seus vassallos

a João, o rei castelhano, passou pelo desaire de ficar vencido e prisioneiro do exercito portuguez no campo da batalha, e por este facto, nada honroso e de negra traição, perdeu a maior parte dos seus bens que a munificencia regia do monarcha, que baixara á campa na villa de Santarem, com larga mão lhe tinha dado.

IV

João Pires de Camões, filho de Fernão Garcia de Camaño, casou com D. Francisca ou Maria Tenreiro, filha herdeira de Gonçalo Tenreiro, que foi general das armadas de Portugal, e que arrogou a si o titulo de Mestre da Ordem de Nosso Senhor Jesus Christo.

D'este casamento nasceu, entre outros filhos que deram descendencia a muitas familias illustres, João Vaz de Camões.

Era João Vaz de Camões segundo genito de Vasco Pires; foi um cavalleiro de notavel valor nas guerras d'Africa e contra Castella, e por estes serviços lhe foi dado o titulo de — *vassallo*, titulo que só se dava a pessoas de grande preeminencia, como se vê de escripturas e doações antigas, e de primeira nobreza do reino.

Diz-se de D. Pedro, o justiceiro, que foi um grande creador de fidalgos de linhagem; porque n'aquelle tempo se não dava o titulo de *vassallo* se não a filho, neto ou bisneto de fidalgo de linhagem.

Como recompensa de seus muitos serviços tinha o cargo de corregedor da comarca da Beira.

Porém, entre todos os titulos que possuia havia um que a munificencia regia não dava, e que subia de valor a todos os outros que tinha; era o de *muito honrado cidadão* João Vaz de Camões, por que era conhecido.

Vivia João Vaz na sua casa da rua da *Porta Nova*, rua que terminava no *Chão de Joanne Mendes* ², e casou com D. Ignez Gomes da Silva.

Era D. Ignez Gomes da Silva filha natural de Jorge da Silva,

filho de Gonçalo Gomes da Silva, rico-homem de sangue, alcaide-mór de Montemor-o-Velho, senhor de Vagos, Unhão, Gestaço, Tentugal, Buarcos e outras muitas terras do reino, embaixador a Roma á Santidade de Urbano vi, e tronco da illustrissima casa dos Silvas em Portugal, que deriva a sua descendencia dos antigos reis de Leão.

De João Vaz e D. Ignez nasceu Antão Vaz de Camões, casado no Algarve com D. Guiomar da Gama, que trazia a sua origem de Alvaro Annes da Gama, primeiro que fez uso d'este appellido e que vivia em Olivença pelos annos de 1280, e que na conquista do Algarve foi um dos mais insignes capitães do senhor D. Afonso iii.

É a mesma origem da casa da Vidigueira, do conde almirante D. Vasco da Gama, de quem era parenta.

D'este casamento nasceu Simão Vaz de Camões, o qual casou em Santarem com D. Anna de Sá de Macedo, senhora nobilissima, que descendia do solar de Macedo, situado no logar da Appellação, quinta de Santo Amaro, suburbios de Lisboa, e que tinha como ascendente esse corajoso cavalleiro portuguez, Martim Gonçalves de Macedo, que, defendendo nos plainos de Aljubarrota o senhor D. João i contra o castelhano Sandoval, firmou com um só golpe a independencia da sua patria, a nação portugueza.

Simão Vaz de Camões e D. Anna de Macedo tiveram a gloria de ter por filho o grande epico portuguez, o immortal LUIZ DE CAMÕES.

V

Nasceu LUIZ DE CAMÕES na cidade de Lisboa no anno de 1525.

Foram na cõrte passados os seus primeiros annos, como pedia a nobreza do seu nascimento.

Em Coimbra, patria de seus avós, e no Mosteiro de Santa Cruz, continuou a sua educação litteraria, dirigida por seu tio D. Bento de Camões, que era então prior geral, homem notavel pelo seu saber e illustração, a quem o senhor D. João iii tinha em boa conta, e que por isso pela sua carta, datada de Lisboa

aos 15 de dezembro de 1539, nomeou cancellario da nova Universidade, emprego de grande honra que até 1834 andou nos geraes d'aquella congregação de conegos regrantes.

Foi aqui que o moço Luiz se começou a exercitar na sublime arte dos Horacios e Virgílios; e que já então entre os escolares sobressahia como primeiro poeta vê-se nos seguintes versos:

«Nenhum pastor cantando me vencia,
A barba então nas faces me apontava,
Na luta, na carreira, e qualquer manha,
Sempre a palma entre todos alcançava.»

E escrevem alguns auctores, que temos á vista, que a maior parte das suas rimas foram sem duvida nenhuma escriptas nesta epoca; porque nellas a cada passo se faz menção do Mondego e das suas apraziveis margens.

Completada em Coimbra a sua carreira litteraria, passou a Africa, a grande escola onde a nossa principal nobreza se ia exercitar na carreira das armas.

Ceuta, que lhe viu correr o sangue das primeiras feridas, foi testemunha da sua coragem e do seu muito valor.

Recolhido a Lisboa, nenhum soldado trazia brazões mais honrosos, que eram as cicatrizes das feridas havidas em combates com os mouros. E podia ufano mostrar que aquelles brazões foram por elle ganhos, e que lh'os não legaram os seus antepassados.

Corria o anno de 1553, e a não *S. Bento* recebia o soldado **LUIZ DE CAMÕES** com direcção á India.

Nesta passagem que de saudades não curtiu o moço poeta?! Sentado sobre os penedos, ao ver o embate das ondas, dizia elle:

«Ó fugitivas ondas, esperai,
Que pois me não levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai!
Até que venha aquelle alegre dia
Que eu vá onde vós is, contente e ledó,
.....»

Bem tristemente correu na India o seu viver. Horas de consolação não as teve o soldado portuguez, como se colhe do seguinte :

« Aqui me achei gastando uns tristes dias,
Tristes, forçados, máos e solitarios,
Trabalhosos, de dor e de ira cheios,
Não tendo tão sómente por contrarios
A vida, o sol ardente, as aguas frias,
Os ares grossos, fervidos e feios,
Mas os meus pensamentos . . . »

Finalmente, por mais não poder soffrer o poeta regressa ao reino, aonde entrou em 1570 em a náó *Santa Clara*.

Que mudança ao chegar a Lisboa !

A peste tinha ceifado oitenta mil victimas, a côrte fugira, e LUIZ DE CAMÕES, de braços cruzados, contemplava as ruinas da sua malfadada patria.

Os seus amigos d'outras eras já não existiam, e áquella por quem tinha affrontado tantos perigos — Catharina de Athayde — tinham-lhe os dominicos d'Aveiro resado as ultimas preces, e a campa já se havia cerrado sobre o seu corpo !

O coração do poeta estava amargurado e repassado de dor : assim se observa nos versos seguintes, escriptos á memoria da que tinha sido durante a vida toda a sua esperança :

« Alma minha gentil, que te partiste
Tão cedo d'esta vida descontente,
Repousa lá no céu eternamente,
E viva eu cá na terra sempre triste.
Se lá, no assento ethereo, onde subiste,
Memoria d'esta vida se consente,
Não te esqueças d'aquelle amor ardente,
Que já nos olhos meus tão puro viste.
E se vires que póde merecer-te
Alguma cousa a dôr que me ficou
Da magoa, sem remedio, de perder-te,

Roga a Deus, que teus annos encurtou,
 Que tão cedo de cá me leve a ver-te,
 Quão cedo dos meus olhos te levou.»

Dez annos depois, a 10 de junho de 1580, abria-se uma sepultura na igreja de Sant'Anna em Lisboa, e sobre a campa se gravava a seguinte inscripção :

AQUI JAZ LUIS DE CAMÕES
 PRINCIPE
 DOS POETAS DO SEO TEMPO :

Temos lido em mais d'um escriptor que LUIZ DE CAMÕES regressou pobre da sua viagem, mas não é verdade; veio rico e muito rico, dizemos nós.

Durante dezeseite annos o poeta trabalhou por juntar um thesouro, que ao chegar ao reino depositou em nossas mãos, nas mãos de todos os portuguezes: foi o seu grande livro — *Os Lusíadas*, esse livro em que eternizou as nossas glorias, e que será sempre o Evangelho de todos os que se presam do nome de portuguez.

Homem que assim nos lega tão valiosa preciosidade não é pobre, é rico e muito rico.

Escrevamos em nossos corações o nome do grande epico portuguez e apresentemol-o, como exemplo muito para imitar, a todos os que depois de nós vierem.

VI

Vamos n'esta derradeira parte occupar-nos do brazão de cujo appellido temos escripto.

Entre alguns escriptores tem-se levantado a questão se o brazão dos Camões é hespanhol se portuguez.

Se nos é licito emittir a nossa opinião, diremos que o brazão é portuguez.

Todos os reinos tem um typo caracteristico para os seus braços, e a Hespanha, mais do que nenhum outro reino, tem uma variedade numerosissima.

Os muitos combates e victorias alcançadas contra os mouros fizeram com que os nobres d'aquella epoca, uns modificassem, outros innovassem as suas antigas armas: as roellas, aspas ou cruces de Santo André, vieiras e cruz de Calatrava, com que estão cobertos os seus campos, são prova do que escrevemos.

As insignias que acabamos de citar ainda hoje as vemos inculadas com os braços portuguezes, e não deixam de ser uma prova de que a nobreza castelhana, que a Portugal veio passando em differentes reinados, trouxe o seu braço de armas.

Porém não deixamos de observar que este caso se não deu com o braço que apresentamos, pois no seu campo nada nos indica de que a sua origem proviesse d'aquelle reino.

Logo é claro que Vasco Pires de Camões não trouxe, mas compoz em Portugal o escudo de suas armas.

E está bem de ver que o fidalgo gallego em odio a seu irmão mais velho, Garcia Fernandes de Camaño, que seguiu o partido de Henrique o bastardo, e fugindo á perseguição e á morte que era inevitavel, nem irmão no braço quiz ser d'elle; abandonou-o, e em Portugal compoz um sómente seu.

E que vemos? Um braço, como se diz em armaria-fallante: um campo de verde, sobre elle levantada a penha onde estava formado o seu antigo solar, e no meio d'esta, nascente, a ave camão, que voando fez ninho e creou em terras de Portugal.

N'este braço, pois, á parte a côr verde que é rara em armaria, e que significa a honra e respeitoso serviço prestado ao senhor D. Fernando na qualidade de um dos primeiros do seu conselho, vê-se muito bem combinado o braço dos Camões portuguezes, d'onde descendeu esse que constitue hoje a nossa maior gloria, a gloria da nação portugueza, o immortal LUIZ DE CAMÕES.

NOTAS

¹ Veja-se o bem elaborado escripto sobre *Alcades môres de Portalegre*, pelo sr. dr. Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão, no Instituto, vol. XIV, pag. 131 e 155.

² Rua da *Porta Nova* em antigos tempos, é hoje rua dos *Coutinhos*, por toda ter sido formada com propriedades dos viscondes da Bahia (*Coutinhos de Seabra*).

As casas chamadas de João Vaz de Camões são hoje, por via de compra, do sr. Luiz Monteiro Soares d'Albergaria. Pagam ao Cabido d'esta cidade *mil réis e dois capões* cada anno, e ainda actualmente tem o titulo de *casa de Camões*.

Em tempo lembrámos á Camara Municipal de Coimbra que em memoria do grande epico portuguez mudasse o nome d'esta rua dos *Coutinhos* em rua de *Camões*. Infelizmente não fomos attendidos.

SEPULTURA

Copiamos para este logar o que nos diz Manuel Severim de Faria na *Vida de Luiz de Camões* a paginas 277 sobre a sepultura de João Vaz de Camões, avô do poeta.

« Em uma capella da crasta da Sé de Coimbra, que o mesmo João Vaz mandou fazer, se vê á parte do evangelho um tumulo levantado de marmore, todo lavrado de figuras de meio relevo, e nos cantos duas maiores com escudos das suas armas nas mãos, e em cima do tumulo está a mesma figura de João Vaz armado ao modo antigo, com uma espada na mão e aos pés um rafeiro deitado.

« Esta e aquella têm agora o arco quasi tapado de uma parede de tijolo; porque, como faltaram os descendentes do instituidor, ficou devoluta e sem haver quem a ornasse e tivesse cuidado nella. »

Com auctorisação do sr. conselheiro vice-reitor, dr. Francisco de Castro Freire, passaram em maio d'este anno aos claustros da Imprensa da Univer-

sidade, que em outro tempo eram os *claustros da Sé*, os srs. dr. Augusto Filippe Simões e b.^o Augusto Mendes Simões de Castro com o auctor d'estas linhas, e examinando, com o mestre das obras da Universidade, as paredes de todas as capellas do claustro, nada encontraram que lhes indicasse o entaipamento da sepultura de João Vaz de Camões.

Será, pois, talvez verdadeiro o que nos diz um manuscrito, que temos á vista, de que *na fundação da Imprensa da Universidade se destruiu este preciosissimo monumento de archeologia conimbricense*. Cremos isso.